

ÉTICA E MORAL DA TÉCNICA: UMA ANÁLISE TEÓRICA DA VENDA DE TRABALHOS ACADÊMICOS NA INTERNET

Heloisa Juncklaus Preis Moraes

RESUMO

O presente ensaio discute uma ação muito comum nos dias de hoje: a compra de trabalhos acadêmicos pela Internet. O fato é analisado sob o ponto de vista da filosofia da técnica e dos conceitos de ética e moral. Além disso, um possível cruzamento com a Sociedade do Espetáculo, de Guy Debord.

PALAVRAS-CHAVE: INTERNET, ÉTICA, MORAL, SOCIEDADE DO ESPECTÁCULO.

Biografia

Doutora em Comunicação Social pela PUC-RS e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e do Curso de Graduação em Comunicação Social da UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina (www.unisul.br/linguagem).

Endereço:

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem
Av. José Acácio Moreira, 787
Bairro Dehon
Tubarão – SC
88.704-900

Telefone: (48) 3621.3369

E-mail: heloisapreis@hotmail.com

Celular: (48) 9158.4369

ABSTRACT

This paper discusses a very common action taken nowadays: the purchase of academic essays through the Internet. This action is analysed under the philosophical, technical and the ethical and moral concept view point. Furthermore, it also considers a possible intersection theory with “Society of the Spectacle”, by Guy Debord.

KEYWORDS: INTERNET, ETHICS, MORAL, “SOCIETY OF THE SPECTACLE”.

MOTIVAÇÕES

Em tempos de pós-modernidade, muito se tem discutido a ética na comunicação. Principalmente, com a globalização, em que problemas locais, tornam-se globais. Este é uma discussão produzida a partir de três experiências particulares que sugeriram um questionamento mais aprofundado. A primeira, enquanto professora e orientadora de monografias de conclusão de curso de graduação, em que se pode perceber a facilidade com que os alunos tem acesso a trabalhos prontos na Rede. Uma simples pesquisa e pode-se encomendar a monografia, com ou sem apresentação. A segunda experiência, como membro de uma Comissão de Ética em Pesquisa¹ que discutiu este tema e propôs em níveis institucional, estadual e nacional, sugestões para minimizar o problema. E, por fim, a terceira, que nasceu ainda na disciplina de Filosofia da Técnica e Imaginário Social² onde se discutiu muito o papel ético das novas tecnologias da comunicação e como grandes pensadores da área analisavam esta questão.

Sendo assim, o problema a ser discutido é a compra de trabalhos acadêmicos pela Internet. A técnica, enquanto ferramenta facilitadora, possibilita a compra. Mas a grande questão que fica é saber se a ética deste ato deve ser cobrada da técnica (que a possibilita) ou do usuário (que o exerce). Pode-se ainda questionar a postura de quem os coloca à disposição.

Geralmente a crítica é feita aos meios. Mas deve-se questionar quanto aos valores éticos-morais humanos. Se se pensar em outros casos, não há essa inversão. Por exemplo, os que vêm problemas éticos na clonagem não os fazem pelos equipamentos que a possibilita. Da mesma forma, em caso de guerra, a culpa ética não é creditada às bombas. Mas, de alguma maneira, a Internet é vista por muitos como uma transgressora da moral e dos bons costumes. Cabe a pergunta, o que é, então, hoje, ética?

O contexto das mudanças

Novas maneiras de pensar, agir, viver e se comunicar surgiram junto com os novos aparatos tecnológicos. Desde o surgimento do computador, seguido por inúmeras outras tecnologias, as pessoas tem tentado adaptar seu dia a dia a essas transformações. E, se levada em consideração a linha histórica das descobertas tecnológicas, elas tem conseguido isso com certa facilidade.

Temos que pensar que, para adotar essa nova “cultura”, é (ou foi) necessária uma série de adaptações na “complexa realidade do cotidiano”, como o encaixe nas expectativas e valores da família; a facilidade de acesso, competência e desejo; o confronto com um possível conservadorismo cultural, entre as outras. Essa progressão acelerada dos meios de comunicação pode ser compreendida como um processo de redistribuição das relações entre indivíduos, grupos e objetos. Nota-se que a expansão dessa tecnologia também se deve ao aumento exponencial do desempenho dos equipamentos, combinado com a rápida e contínua baixa dos preços. Esse desempenho refere-se à maior capacidade de armazenamento, peças cada vez menores e precisas, maior rapidez de acesso, inúmeras formas de transmissão de informações digitais. As pessoas que acessam a rede estão sendo recebidas como pessoas em busca de relações, informações ou conhecimento: elas são consumidoras em potencial (MORAES, 2001). A própria informação tornou-se, hoje, um produto comercial.

Já vivenciamos estas transformações com os outros meios de comunicação no decorrer da história. As mudanças foram acontecendo com o tempo e, logo em seguida, surpreendidos por um novo lançamento ainda mais veloz e potente.

As novas tecnologias proporcionam maior rapidez e agilidade no processo de busca de informação. O acesso é facilitado, uma vez que as opções de procura estão armazenadas num mesmo meio. A Internet, por exemplo, proporciona aos navegadores a possibilidade de compras, de estudo, de pesquisas e de diversão. Não se precisa sair de casa ou do ambiente de trabalho para realizar essas tarefas.

¹ Comissão de Ética em Pesquisa da UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina.

² Cursada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-RS, ministrada pelos Professores Doutores Juremir Machado da Silva, Cristiane Freitas e Francisco Menezes Martins em 2002-B.

Longe de ser uma reprodução ou um espelho da realidade, as relações virtuais seguem uma dinâmica própria, muitas vezes com reflexos no mundo fora dos computadores. Assim, longe de constituir um mundo à parte ou uma realidade apenas lúdica, o resultado das relações pessoais na web ultrapassam o espaço da internet (MARTINO, 2007, P.175).

Como enfatiza Marcondes Filho (1996), a atual sociedade pode ser nomeada pela sua capacidade de comunicação, interconectada, que permite um novo imaginário, fundador de ações de vivências e convivências:

Com pouco menos de meio século de existência, já esquadrihavam as sociedades e modulam as culturas, rearticulam a política e terceirizam as economias. Marcadas pela circularidade e saturação das informações, imagens e dados, são elas que, a rigor, fundamentam a conceituação da sociedade atual como sociedade da comunicação, da mesma forma que estão na base das profundas mudanças do metabolismo do imaginário social e na percepção ordinária do tempo e do espaço, tema (este último) que se tornou comum em tantos autores pós-estruturalistas, pós-modernos e outros que teorizam sobre as condições da cultura fin-de-siècle (MARCONDES FILHO, 1996, P. 264).

Este é um contexto do nosso problema de estudo. Na medida em que a comunicação assume grande importância nas atividades do homem moderno e que há facilidade para isso, da mesma maneira em que ele é mais cobrado pela sociedade e chamado a cumprir variadas tarefas e desempenhar muitos papéis tendo o seu tempo limitado, a Internet surge como uma facilitadora da busca de informação. Só que como tudo é criado para um fim e este acaba possibilitando outros não esperados, a rede possibilita também que este homem ser o que não é.

Talvez tem-se aí mais um bom exemplo da Sociedade do Espetáculo de Debord (1997), que defende que tudo que era vivido presencialmente, tornou-se, hoje, espetáculo. Não importa como ou o que fazemos, mas como os outros vêem. Neste caso, o importante não é ter conhecimento, mas parecer detê-lo. Essa é a ordem.

Discussão essa muito pertinente, especialmente aos pesquisadores de Comunicação Social, é de que, na Sociedade do Espetáculo, o que importa não é a transparência, mas a visibilidade: a visibilidade de uns serve para fomentar e manter passivos e ordenados os outros invisíveis/receptores. A transparência era o grande ideal iluminista da modernidade: informar é o ato de tornar transparente. Na lógica do espetáculo, quanto mais visibilidade, menos transparência. A Tese 12 (DEBORD, 1997, p. 16) é taxativa: “O que aparece é bom, o que é bom aparece” (no espetáculo).

A transparência é a luz que educa, já a visibilidade é a luz que ofusca. Quem trabalha em jornal sabe o quanto é fácil tornar o nada em notícia. Já a Publicidade, torna o nada em sonho de consumo. O espetáculo é a transformação do ordinário em extraordinário (algo banal em mercadoria vendável). Dessa prática, a televisão brasileira está cheia e a Internet, muito mais.

Podemos ligar essa dicotomia entre transparência e visibilidade à Tese 17 (DEBORD, 1997, p. 18): “A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social, no modo de definir toda a realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual,..., leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer,...”.

Essa evolução degradante do “ser”, para o “ter” e o atual “parecer (ser/ter)” demonstra um grande nicho para os espetáculos midiáticos. É isso que chancela os discursos da mídia. Ninguém é questionado sobre ser ou ter realmente os predicados para se tornar personas socialmente reconhecidas e idolatradas. Mas podem parecer ser ou ter... E basta. Quando não satisfizer mais, outras virão. “Pessoas admiráveis em quem o sistema se personifica...”.

A espetacularização se consoma na fragmentação: une partes díspares. O discurso espetacular é desconexo, sem passado, sem conseqüências, isolado nele mesmo. Muito distante do que prega Morin na sua Teoria da Complexidade³. Até mesmo o conhecimento, fruto de uma busca individual e constante, é adquirível pronto e acabado. Os valores se inverteram. Cabe aí a reflexão de Fleuerbach (citado por SILVA, 2002), “a ilusão é sagrada, a verdade é profana”.

³MORIN, Edgar. O Método. Porto Alegre: Sulina. v. 1-6.

A essência da técnica

Segundo Heidegger (2001), a essência da técnica não é a técnica. A sua essência é aquilo para que ela se dispõe. Diferentemente do que se falou anteriormente com os exemplos da clonagem e da guerra, para o autor a técnica não é neutra, pois seja qual for o seu uso, ela nos transforma. De alguma maneira, o homem quer ser sujeito da técnica, mas de alguma maneira é dominado por ela. Uma vez que o sujeito é interpelado, tem que reagir. Logo, ela não é neutra.

O objeto, para Heidegger (2002), passa a ser o que será depois de pronto. Pode-se citar o caso da Internet ela foi criada para fins militar e científico, mas hoje se usa para milhares de fins. Ela mudou as coisas. Mesmo que eu não acesse, um dia eu vou sentir seus efeitos. Junto com a finalidade, está a possibilidade de seu desvio. A sua essência está na mudança, independente de mim. A técnica interpela a natureza e o sujeito. Sempre há um efeito que precisa ser descoberto pelo questionamento. A técnica moderna submete nacionalmente a natureza: provoca, inspeciona, traz para a razão.

A tensão de todo o debate está entre *techiné* e *poiésis*. Para Heidegger, o pensamento é sempre poético, porque criador. Para o Ser tem que continuar havendo o pensamento poético. Se esse desaparecer e houver apenas o pensamento cibernético (poético somente no sentido tecnológico), estar-se-á no campo da artificialidade que transforma a criação em, apenas, informação. Na supremacia da técnica, a existência (o conjunto de entes) se torna estoque, instrumentalização. Segundo o autor, o modo de ser da técnica é o modo de ser moderno.

Caracterizando a Era Tecnológica atual como a fase de empobrecimento de perspectivas, de fechamento de horizontes, de acentuada miséria do pensamento, com todos reduzidos exclusivamente ao valor, ao caráter tecnicista da vida, portanto, às relações imediatas no plano do ente, segundo Heidegger, apontou diversas vezes que, nessa época, teve lugar um “esquecimento generalizado do ser”, de seu sentido e de sua verdade, bem como da essência do homem (MARCONDES FILHO, 1996, p. 24).

Para Simondon (citado por MARCONDES FILHO, 1996, P. 271), a autonomia da máquina é uma forma de poder, desejo de domínio do homem. “As máquinas, em si, não possuem intenção ou humanidade. É o homem que ‘administra’ suas utilidades e finalidades. Mais ainda, é o usuário – e não o seu produtor, o técnico idealizador – que vai orientar os recursos disponíveis da máquina para atender a seus interesses” (grifo meu).

Já para Sfez (2000), vive-se numa sociedade tecnológica, permeada pelo tautismo, em que não se pode escolher participar ou não. O autor fala em darwinismo tecnológico, onde o argumento da venda é totalizante. Para ele, é difícil criticar a rede sem usar os seus próprios artifícios, “a rede impõem-se a todos como tecnologia do espírito”(SFEZ, 2000, p. 123).

Ética de hoje, ética de sempre

Diante deste contexto de mudanças e finalidades, cabe aqui questionar os valores éticos humanos. Há uma nova ética? Este é um valor que se adapta às mudanças sociais ou as condutas sociais deveriam basear-se nos valores éticos?

Nietzsche (1983) preocupa-se em discutir como se forma um valor e este se torna referência para uma sociedade. Em tempos em que as grandes verdades estão em xeque, há uma desconstrução das grandes certezas e da filosofia da moral. Para pensar estas situações, baseia-se na antítese bom e mau. Na história, “a compensação consiste, pois, no direito de ser cruel. É nesta esfera que tem origem os conceitos morais ‘falta’, ‘consciência’, ‘dever’, santidade do dever” (p.58).

Nietzsche (1983) preocupa-se em discutir como se forma um valor e este se torna referência para uma sociedade. Em tempos em que as grandes verdades estão em xeque, há uma desconstrução das grandes certezas e da filosofia da moral. Para pensar estas situações, baseia-se na antítese bom e mau. Na história,

“a compensação consiste, pois, no direito de ser cruel. É nesta esfera que tem origem os conceitos morais ‘falta’, ‘consciência’, ‘dever’, santidade do dever” (p.58).

As novas tecnologias trouxeram à tona um neopositivismo, um pensamento de que a solução para muitos problemas está na técnica, na tecnologia, esquecendo-se da humanização, da filosofia. Entretanto, a tecnologia está montada em um agente de situação. Para Nietzsche (1983), cabe à filosofia buscar o papel do homem (uma identidade difusa). Quem é o homem nos dias de hoje? A moral não encontra respaldo num ambiente adverso a ela.

Talvez, o mérito da mídia e das novas tecnologias seja o de abolir o sentimento de culpa. Os atores antes vistos como inadmissíveis (o nosso problema em análise é um deles, mas pode-se citar também a erotização na rede), hoje não mais espantam e nem são repudiados moralmente. Já se tornaram, talvez, aceitáveis. A técnica é um vínculo que se regula pelo uso.

E é aqui que cabe a pergunta: a culpa da falta de ética é da técnica ou do ser humano? Em aula, o professor-doutor Francisco Menezes (2002) deu um exemplo simples, mas que nos faz pensar essa questão do uso da técnica: muitas ambulâncias já salvaram vidas, do mesmo modo, muitos carros já atropelaram pessoas. A vanguarda pode estar em redescobrir o valor esquecido. “A reavaliação de valores é equivalente à criação de valores dentro do jogo de forças da vontade de potência” (LECHTE, 2002, p. 245). A partir do conceito de vontade de potência (o “mundo” e nada além) de Nietzsche, Lechte abre um questionamento para pensar os valores. Talvez uma abertura para pensá-los de acordo com o próprio mundo, ou seja, a vontade de potência.

Estamos baseando as reflexões aqui expostas em função de um problema prático. Tem-se aí a primeira dificuldade de “enquadrar” as teorias de grandes pensadores como Nietzsche já citado, pois há diferenças entre casos práticos em que se pode estudar a moral e as grandes reflexões teórico-éticas. Estas, sem dúvida, mais profundas e filosóficas. Definir o que é o bom é um problema moral ético. Decidir o que fazer em uma situação específica é um problema prático de moral. Certo que ao pensar o que é bom, acaba-se traçando linhas gerais que orientam os homens na conduta das ações particulares.

Neste ponto é importante definirmos o que se entende por moral e por ética. Pelo menos os conceitos aqui adotados. De acordo com Vázquez (2002, p. 23), “ética é a teoria do comportamento moral dos homens em sociedade”. Para o autor, moral é:

Um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal (VÁZQUEZ, 2002, p. 84).

Sendo assim, podemos perceber que as normas morais seguem as transformações das sociedades que se sucedem no tempo. “Mudam os princípios e as normas morais, a concepção daquilo que é bom e daquilo que é mau, bem como do obrigatório e do não obrigatório” (VÁZQUEZ, 2002, p.53). Mesmo assim, nem todo progresso histórico-social provoca um progresso moral, apenas cria condições, afetando – de forma positiva ou negativa – os homens sob o ponto de vista da moral.

As decisões de caráter moral são concebidas individualmente, mesmo que circunscritas num ambiente coletivo e social. Portanto, podem-se ter aí as diferentes posturas e avaliações mesmo quando há uma expectativa moral de determinada atitude. “O ato moral implica, assim, a consciência de um fim e a decisão de realizá-lo” (VÁZQUEZ, 2002, p.77).

Mercadoria Intelectual

Os recortes teóricos acima descritos servem para melhor analisar o problema este ensaio que é a compra de trabalhos acadêmicos pela Internet. Uma pesquisa em sites de busca, rotina no dia a dia de quem procura informações, pode localizar inúmeros outros que se especializaram em vender trabalhos

escolares (não cabe aqui nem divulgá-los, até porque a lista seria extensa). Encontra-se de tudo: desde os mais simples até pesquisas mais primorosas como teses de doutorado. Os anúncios são promissores: trabalhos exclusivos, trabalhos já prontos com prazo de entrega de 24 horas, dicas para a defesa oral, tudo para “facilitar a vida do estudante”.

O tema foi amplamente discutido pela Comissão de Ética em Pesquisa da Unisul, em virtude da própria indicação do MEC, através da Secretaria de Educação Superior, que cobrou das universidades brasileiras uma postura mais rígida quanto a este problema. Desta discussão foi produzido um parecer (2004) com o histórico do problema, conclusões preliminares e conclusões finais que foi enviado à Reitoria da Universidade, ao Conselho Estadual de Educação, à Secretaria de Educação Superior do MEC, à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e à Sociedade Brasileira de Bioética.

No entanto, na prática, nota-se a dificuldade de controlar o procedimento que a priori não se espera de um pesquisador. Especialmente no nível pós-graduação, não se deveria estar preocupado com a certificação, mas com a produção de conhecimento. Porém, diante do contexto citado anteriormente, as coisas se configuram de uma outra maneira.

Liberdade com responsabilidade: as conclusões possíveis

Liberdade e responsabilidade caminham juntas, ou deveriam caminhar. Diante do que se pode analisar aqui, percebe-se que há uma necessidade de reconciliar o papel da técnica com o humanismo, envolvendo aí a ética e os valores morais.

As ações guiadas pela ética, talvez um pouco esquecida, e pela moral, em transformação junto com a sociedade, fazem-se necessárias. Em comunidade e, em especial, na universidade aonde acontece nosso caso estudado, os valores morais são guiados por um trato social. É imprescindível julgar como as atitudes afetam os outros. Há um caráter social da obrigatoriedade moral. O que parece estar acontecendo, aliada às facilidades da técnica ou, como prefere Heidegger, da sua interpelação, há uma individualidade aliada ao utilitarismo deste ato.

Se a produção da pesquisa, e todo processo inerente à busca do conhecimento – e não só aquisição de informação – não é mais um processo básico dos alunos, todo modelo universitário de indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão está fadado a rigorosas mudanças. Se a Sociedade do Espetáculo, como pensou Debord (1997), atingiu também esta esfera da sociedade, a questão é muito séria.

Que a técnica sofreu um desvio na sua finalidade, já vimos. Mas, mais do que isso, está-se vendo um desvio das atitudes morais e éticas do indivíduo perante ela. Se a técnica se regula pelo uso, ao menos deveria ser baseada em princípios éticos.

Não por ser técnica e fazer uso da tecnologia que se deve esquecer o lado humano, criador. As “infrações” cometidas através da Internet eram também possíveis anteriormente a ela. Claro que com mais dificuldade, mas possível. Hoje é um mercado. Um mercado de produtos intelectuais.

Diante disso, o meio virtual coloca à disposição com maior facilidade. O indivíduo, coberto de atribuições e com falta de tempo, acaba sendo tentado, pela facilidade, a usar este dispositivo. Talvez aí esteja a constatação de Heidegger de que a técnica não é neutra. De uma maneira ou de outra, ela acaba interpelando o sujeito. De qualquer maneira, bate-se na tecla moral e ética do ato. Se a técnica interpela, o interpelado que se sujeita a ela deve estar consciente da sua atitude. Além de valores universais, pesa aí o valor individual de moral e a consciência.

É difícil regular seu uso. Algumas iniciativas foram e estão sendo tentadas, mas é impossível controlar este tipo de atitude. Mais do que medidas positivas, deveriam ser inerentes de consciência individual e coletiva. Como nem tudo é ideal, devemos pensar em como a técnica, já pertencente à sociedade pós-moderna, pode contribuir para a produção do conhecimento, da ciência, da pesquisa sem infringir os preceitos morais e éticos. Precisa-se, ao menos, discutir o assunto, refletir.

REFERÊNCIAS

- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- LECHTE, John. 50 pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- MARCONDES FILHO, Ciro (org.). Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo: Edições NTC, 1996.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Estética da Comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da; FREITAS, Cristiane. Filosofia da Técnica e Imaginário Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS, 2002. (Anotações de Aula).
- NIETZSCHE, Frederich. A genealogia da moral. 4.ed. Lisboa: Guimarães e Cia, 1983.
- _____. Para além do bem e do mal. São Paulo: Martín Claret, 2002.
- SFEZ, Lucien. As tecnologias do espírito. In MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Edipucrs/Sulina, 2000.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética. 23.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.